

CONTINUAÇÃO DA PÁG. B1. Com pesquisas extensas, que chegam a dois anos, projeto pretende abordar Alagoas em sua totalidade; detalhes ainda são contados em livros

CALENDÁRIOS REFLETEM TEMAS DA IDENTIDADE ALAGOANA

LARISSA BASTOS
REPÓRTER

Assim como para o da herança indígena, o afincado tem sido o mesmo para retratar cada um dos temas dos calendários da Fapeal. O coordenador do projeto, o professor Douglas Apratto, revela que cada um nasce de um planejamento, tendo em vista, principalmente, os objetos de estudo pouco conhecidos, sem bibliografia aprofundada ou, até mesmo, os mais polêmicos.

“A ideia é justamente explorar, democratizar os estudos, levar para outros locais. Fazemos um mosaico da cultura, da ciência, da história de Alagoas com vários temas interessantes, onde a bibliografia é escassa. Damos nossa contribuição e, agora que vamos fazer 200 anos de autonomia daqui a dois anos, é interessante que tenhamos esse roteiro de Alagoas”, diz.

Ele conta que a ideia surgiu ao ler uma notícia sobre a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), que pretendia fazer algo nesses moldes. Com a sugestão do professor, a fundação alagoana foi a segunda a aderir a iniciativa. “Eu vi e disse: ‘Olha, vai sair um calendário, então vamos fazer aqui também’. Levei para a Fapeal, que gostou e aprovou. Hoje todos os estados têm”.

A entidade arca com alguns dos custos – como o da edição que falou sobre a fotografia e foi necessário comprar, e pagar caro, pelas primeiras ima-

gens registradas em terras caetés – e também com a impressão. Já outros gastos, como algumas viagens, acabam sendo pagos pelo próprio Douglas e pela equipe que trabalha com ele na concretização dos volumes.

Feitos em formato de mesa e de parede, os calendários são distribuídos gratuitamente à população e a outros órgãos do serviço público, inclusive das mais diversas partes do Brasil – já os livros são feitos numa outra parceria, diretamente com as gráficas. Isso tem ajudado a difundir o interesse por assuntos relativos ao Estado, inclusive em espaços antes impensados.

Um exemplo é a edição de 2005, que tratou dos tesouros da arte sacra por aqui. “Tivemos [ele e a museóloga Cármen Lúcia Dantas] a ousadia de lançar esse trabalho em Salvador e muita gente prestigiou. Nos diziam que não sabiam que tínhamos também arte sacra. Quando se fala nisso, se lembra de Minas, Salvador e Rio. As pessoas ficam surpresas em saber que temos arte sacra aqui também”, expõe.

Cármen, aliás, é uma das parceiras de pesquisa mais frequentes de Douglas Apratto e participou de quase todos os calendários. São oito deles que contam com o toque da museóloga. Já o primeiro foi feito em parceria com Leda Almeida, que também esteve em outros, e os três últimos tiveram como parceira a Uneal, com os professores Jairo Campos e Clébio Correia. O

historiador Golbery Lessa também esteve em um dos anos.

O coordenador ressalta os bons frutos com o trabalho em equipe. “Gosto de trabalhar em equipe, fazer um trabalho conjunto. É bom pesquisar solitariamente, mas é melhor com uma equipe. Conversamos, trocamos ideias, enriquecemos o trabalho. Desde o primeiro sempre tivemos essa noção do coletivo. O CPNq e a Capes, por exemplo, não aceitam pesquisa individual e daí já se tira a importância do coletivo”.

A pesquisa dura, em média, dois anos e precisa ser iniciada com bastante antecedência – os de 2016 e 2017 “já estão no forno”, como diz o professor. Alguns dos assuntos abordados podem ultrapassar esse tempo, como é o caso do próximo, que vem sendo pensado há cerca de quatro anos. Nesse período, o grupo junta material, faz visitas, conversa com pessoas que possam ajudar.

E todo esse exercício tem, ao que parece, surtido efeito. As edições – que têm uma tiragem de mil a dois mil exemplares – e os livros que os acompanham chamam a atenção do público e, atualmente, alguns já são até disputados em sebos. A briga é maior pelos primeiros, que tratam dos engenhos e casas-grandes, da arte sacra e da memória destruída de Alagoas, com a falta de preservação dos prédios históricos.

Não só eles, porém, são lembrados até hoje.



DOUGLAS APRATTO
HISTORIADOR

“Não temos só a miséria, o subdesenvolvimento, a pobreza que é preciso combater. Temos coisas interessantes e é preciso conhecer a esfinge alagoana, que é muito complexa e interessante”

CALENDÁRIOS
ANO APÓS ANO

“É um trabalho da Fapeal que marcou, trazendo sempre temas importantes para Alagoas, uma boa parte deles ainda sem uma pesquisa formada em torno. Cada trabalho desse tem um contributo”, expõe Douglas Apratto, que lembra com carinho de cada um dos calendários feitos até hoje – ele promete parar no 15º, já numa expansão do projeto, que ia até o décimo.

Tudo começou com o trabalho sobre os engenhos e casas-grandes, lançado em 2004 e que mapeou todos esses espaços remanescentes, mesmo que em destroços, no Estado. Entrar nos currais era aventura quase diária dos pesquisadores, para desespero de Leda Almeida. “Ela reclamava muito, porque ia se sujar toda de estrume”, relembra, entre risos, o coordenador.

Depois vieram Tesouros da Arte Sacra (2005), Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (2006), Memória da Destruição (2007), Postais Alagoas (2008), Um Ninho de Culturas – Velho São Francisco (2009), Pierre Verger (2010), Presença Holandesa em Alagoas (2011), Tecelagem da Memória (2012), A Presença Negra (2013), Memória Fotográfica em Alagoas (2014) e A Herança Indígena (2015).

Alguns, parece, marcaram um pouco mais o pesquisador responsável pela iniciativa. É o caso do que trata da vinda das tropas da Holanda. “A guerra do açúcar, por exemplo, é interessante conhecer; os mitos que se formaram no entorno dela. Conhecemos tudo sobre a presença holandesa em Pernambuco. E esse livro tem os subsíd-

os para se saber como Alagoas foi participante desse período mitológico, lendário”.

Outro que traz boas recordações é o dos postais de Alagoas, uma questão ainda pouco debatida. Para que ele se concretizasse, foi necessário ir ao Rio de Janeiro atrás de Elysio Belchior, o maior colecionador do Brasil e um dos maiores do mundo quando o assunto é esse. Desconfiado, ele, a princípio, não quis receber os alagoanos e foi preciso todo um trabalho de convencimento para que as portas se abrissem.

“Coloquei a Cármen [Lúcia Dantas] para conversar com toda aquela lábia dela. Acho que ele pensou: ‘Quem são esses caras? Vão querer levar meus postais que demorei a vida inteira juntando’. Depois que ele viu que éramos pesquisadores e era algo sério, nos deu cópia de todos os postais que estavam de Alagoas. Quando conseguimos ser ouvidos, ele nos ajudou muito”, lembra.

Muitas das edições, como aconteceu com essa, foram lançadas em outros estados, alcançando outras populações, mas o motivo principal de orgulho é o despertar do interesse nos alagoanos. “Junto com os livros, eles são embaixadores da nossa terra. Com eles temos a ótica daqui e isso é uma contribuição histórica, sociológica, antropológica sobre diversos aspectos que formam a identidade local”.

E os próximos dois prometem despertar os mesmos sentimentos. Falando sobre a ocupação portuguesa – para completar a tríade com negros e índios – e da fauna e da flora típicas do Estado, ambos devem levar à reflexão.

“O da fauna, por exemplo, já venho pensando há um tempo. Muita coisa está desaparecendo e outras desapareceram. Quando era criança, encontrava na feira o arará. Hoje em dia já não tem mais. E é uma pena, pois é delicioso. A mesma coisa acontece com o imbu, o murici. Fui a Murici e ninguém nunca viu um murici lá, não sabe o que é um muricizeiro, apesar do nome ter surgido em função deles”.

O professor deixa uma questão: estaria a identida-

de alagoana desaparecendo?

PARCERIAS
PARA OS LIVROS

É justamente para não deixar isso acontecer que surgiu o projeto em conjunto com a Fapeal. Para aprofundar cada um dos temas, a iniciativa engloba ainda os livros, que são feitos por parceiros e vendidos em diversos pontos. São diferentes editoras envolvidas com a ideia, como a gráfica do Senado Federal, a Fundação Joaquim Nabuco e o Sebrae. Felizmente, não tem falta de parceiros.

“Sempre transformamos o trabalho em um livro e sempre tem quem apoie. Sempre que levamos o projeto, eles se interessam e fazem. Aí já não é mais da Fapeal, que é só com o calendário. O livro é com patrocínio e eles são distribuídos”, explica Douglas Apratto, que fica com uma cota das obras. “Não nos pagam nada, não recebemos nada, mas ficamos muito felizes de estar contribuindo”.

Ele destaca que, inicialmente, havia pensado em dez temas, que, sem nenhum esforço da memória, acabaram chegando a 15. Agora, pretende realmente parar mesmo na 15ª publicação e, depois disso, passar o bastão para o próximo. O candidato mais provável, como o próprio historiador adianta, é o reitor da Uneal, Jairo Campos, que deve continuar contando com outros colegas, inclusive da Universidade Federal de Alagoas.

“Vou passar o bastão para o professor Jairo, com a Uneal, que é nossa universidade estadual, e também com ajuda da Ufal. Estou dando minha contribuição ao Estado e às universidades. Imaginei os temas para fazer e pretendo se assim a saúde me permitir. E espero que o trabalho seja continuado, pois Alagoas tem muito mais segredos, assuntos, para revelar. Não temos só a miséria, o subdesenvolvimento, a pobreza que é preciso combater. Temos coisas interessantes e até para combater isso é preciso conhecer a esfinge alagoana, que é muito complexa e interessante”.

Então, quer conhecer Alagoas? Já sabe onde. Basta olhar os calendários ao redor. ☺



REPRODUÇÃO
Meios de vida de diversas tribos alagoanas são explorados no calendário deste ano, focado na herança indígena